

**ASPECTOS DO DESIGN
DE MATERIAIS, DESIGN
DE PRODUTOS E DESIGN
DE TERRITÓRIO**

SOBRE AS AUTORAS

Rita de Castro Engler | rcengler@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1848076566428564>

Engenheira Civil UFMG (1985), MSc Engenharia de Produção PUC/RJ (1988) e especialização (DEA) e doutorado em Engenharia de Produção e Gestão de Inovação Tecnológica – Ecole Centrale Paris (1993), pós-doutorado em Design na UEMG (1994), pós-doutorado em Design Social na Ryerson University (2014). Foi Professora e Coordenadora do Mestrado em Gestão de Tecnologia do CEFET/RJ, criou e coordenou o Centro de Lideranças da BSP- Business School São Paulo, diretora e sócia da Eventail_ Produções & Eventos, atualmente é Professora concursada em Inovação e Design do programa de doutorado e mestrado em Design da UEMG, Professora convidada da University of Tennessee, CBU – Christian Brothers University, Middle Tennessee State University, Ryerson University, POLITO e coordenadora do CEDTec – Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design e Tecnologia da UEMG, laboratório membro da Rede DESIS (rede Mundial de Inovação Social) e do LeNS (rede de sustentabilidade).

Marília de Fátima Dutra de Ávila Carvalho | mariliadefatimaavilacarvalho@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0729375126479022>

Arquiteta graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais- EAUFMG (1981), pós-graduada em Urbanismo pela UFMG-EAU (1983), mestrado em Geografia pela UFMG-IGC (1992), doutorado em Arquitetura pela UFMG-NPGAU (2015) e pós-doutorado em Design na UEMG-Escola de Design (2017). Tem experiência de 12 anos no ensino de Design e 10 anos em pesquisa em Design. Como docente na Universidade do Estado de Minas Gerais, desde o ano de 2005, lecionou diversas disciplinas nos cursos da Escola de Design da UEMG, como por exemplo: Metodologia Científica, Prática de Ensino e Museologia. Participou como pesquisadora junto ao CEDTec, onde realizou, em estágio pós-doutoral, pesquisa em design com interesse especial no desenvolvimento local de territórios de cidades mineradoras.

Nadja Maria Mourão | nadja2m@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5407300132397950>

Doutoranda em Design – PPGD/UEMG – Mestre em Design – PPGD/UEMG (2011). Pós-Graduação em Arte Educação FAE/UEMG – Faculdade de Educação (1999). Bacharel em Design de Ambientes FUMA (1994). Participou do Curso de Elaboração e Gestão de Projetos em Empreendimentos Criativos, pelo Ministério da Cultura/SENAC – Educação Profissional EaD (2015). Atua em Elaboração de Projetos, Consultoria e Gestão de Projetos Solidários, Socioculturais e Ambientais, em APLs – Arranjos Produtivos Locais, Empreendimentos Criativos e Design de Ambientes nas dimensões da sustentabilidade. Membro e coordenadora de projetos do CEDTec – Centro de Estudos de Design e Tecnologia da ED/UEMG. Professora universitária, desse 1997 na UEMG. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Design e Sustentabilidade, atuando principalmente nos seguintes temas: Design social, Tecnologia Social, Empreendedorismo, Economia Criativa, Identidade e Cultura.



Design e cultura material em Minas Gerais – cultura, artesanato e patrimônio como fontes de inspiração para o design contemporâneo

Design and Material Culture in Minas Gerais – Culture, crafts and heritage as inspiration sources for contemporary design

Rita de Castro Engler, Marília de Fátima Dutra de Ávila Carvalho, Nadja Maria Mourão

Resumo

O território mineiro foi transformado ao longo sua história pelo encontro dos mineradores, tropeiros, boiadeiros, que incorporaram padrões culturais estrangeiros europeus, das famílias escravas africanas e da população indígena nativa. Nossas crenças, resistências e convicções religiosas fazem parte da história da conquista e colonização da América Portuguesa; somos autores e atores de transformações na cultura material, a partir dos encontros de culturas em territórios mineiros. O objetivo é articular temáticas culturais da história local como inspiração para Design. Os procedimentos metodológicos adotados seguem abordagem de Design & Patrimônio, entendendo a cultura material como: objetos, manufaturas, artesanato, artefatos etc. Nas cidades mineradoras, desde os séculos XVIII e XIX, modos de vida peculiares dos mineradores, tropeiros, boiadeiros e grupos formadores da sociedade das regiões mineradoras de Minas Gerais deixaram legados no patrimônio material e imaterial, com artefatos que atravessaram o século XX e permanecem, em inícios do século XXI, ainda em uso.

Palavras-chave: Cultura material; Design; Artesanato; Design e patrimônio.

Abstract

The mining territory was transformed throughout its history by meeting of miners, “tropeiros” (tradesman that traveled by horses on 18th and 19th century in Brazil), herdsman, who incorporated foreign cultural patterns from European, African slave families and native indigenous population. Our religious beliefs, resistances and convictions are part of the conquest history and colonization of Portuguese America; we are authors and actors of transformations in material culture, starting from the encounters of cultures in mining territories. The goal is to articulate cultural themes of local history as inspiration for Design. The methodological procedures adopted follow Design & Heritage approach, understanding material culture as objects, manufactures, crafts, artifacts, etc. In mining cities, from the 18th and 19th centuries, peculiar ways of life of miners, tropeiros, herdsman and groups forming the society of mining regions of Minas Gerais left legacies in material and immaterial patrimony, with artifacts that crossed the 20th century and remain, at beginnings of this present century, still in use.

Keywords: Material culture; Design; Craft; Design & Heritage.

Imagem de Abertura – Oratório e Santo Antonio de Buriti, Vale do Urucuia – Minas Gerais. Fonte: Mourão, 2016.

Oratório e Santo Antonio de Buriti é parte do artesanato de Chapada Gaúcha, no Vale do Urucuia (região das veredas), em Minas Gerais, que simboliza a devoção ao Santo, por meio do trabalho artesanal, fonte de renda e da cultura tradicional dos sertanejos, citados por Guimarães Rosa.

1 INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste texto é articular temáticas culturais da história local como inspiração para o Design. Esse é um grande desafio: buscar inspiração na cultura, no artesanato, no patrimônio das cidades mineradoras localizadas na região do Alto Paraopeba, em Minas Gerais, nas quais ao longo de três séculos de história formou-se um ambiente rico de referências culturais e memória, a serem exploradas como fontes de inspiração em diferentes processos e projetos de design.

No território do Alto Paraopeba atuamos nas seguintes cidades mineradoras: Belo Vale, Congonhas, Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Entre Rios de Minas, Jeceaba e São Brás do Suaçuí. Nesse território, fazemos parte de plataformas colaborativas onde cada um traz sua *expertise* para uma mineração mais socialmente e ambientalmente responsável. Acreditamos que o design é um instrumento para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

O design poderá contribuir no processo de renovação da economia das cidades mineradoras por meio de análise crítica, formação de massa crítica de leitores especializados em design e desenvolvimento de pesquisas em design. Observar a cultura material do ponto de vista da pesquisa em design trata-se de um esforço bastante recente em sua ambição científica, que exige abertura para ir aplicando e personalizando paradigmas científicos e métodos já experimentados e outros campos de pesquisa em design e construir conhecimentos conforme as pesquisas progredam. Isso requer outro olhar sobre a cultura material, para resultar em aproximações futuras do design com indústria, arte, artesanato, cultura e patrimônio.

Recentemente (2015) o design foi convidado a ingressar no movimento por uma economia menos dependente da mineração em alguns dos municípios mineradores de Minas Gerais, próximos à capital mineira, no território do Alto Paraopeba, região de mineração tradicionalmente dedicada à extração de ferro e a siderurgia. Nesse território o design tem sido convocado para processos de “reciclagem de resíduos” das mineradoras, dar uma segunda vida (*upcycling*) aos objetos/ambientes que a mineração criou, sugerir negócios a partir de resíduos da mineração, propor soluções integradas por meio de Sistemas de

Produtos e Serviços Sustentáveis (S-PSS) e analisar outras possibilidades queensem o território do Alto Paraopeba como lugar de novos negócios de base social. A partir desse desafio, nos propusemos avislumbrar possibilidades de buscar trabalho conjunto de designers e artesãos, para revitalização de objetos artesanais/ tradicionais.

Nesse sentido, a partir de um conjunto de objetos artesanais/ tradicionais que expressam a cultura material das cidades mineradoras mineiras, desenvolvemos estudo analítico (em Design) sobre os seguintes artefatos: caneca esmaltada, cuia, rapadura e colher de pau. Tais artefatos fazem parte da cultura material de cidades mineradoras mineiras e são capazes de nos envolver num sentimento de pertencimento, são impregnados de memória danossa cultura material das antigas regiões mineradoras, pois remetem à vida dos tropeiros, boiadeiros e mineradores que povoaram o Alto Paraopeba antigamente.

O estudo desses artefatos tradicionais também pode servir de base na proposição de criação denovos objetos de design contemporâneo. Neste artigo mostramosalguns objetos de design contemporâneo criados a partir do reuso de matérias primas que já foram processadas no ambiente da mineração e da siderurgia, a exemplo de *pallets* de madeira, agora reusados em móveis e adornos. Na imagem central de abertura deste artigo apresentamos Oratório e Santo Antonio de Buriti, Estes objetos são parte do artesanato de Chapada Gaúcha, no Vale do Urucuia (região das veredas), em Minas Gerais, que simboliza a devoção ao Santo, por meio do trabalho artesanal e hoje são fonte de renda e símbolos da cultura tradicional dos sertanejos, citados por Guimarães Rosa. Eles são exemplos de como o estudo e a conscientização sobre a cultura e hereditariedade podem dar origem a artesanatos criativos.

2 PONTO DE ENCONTRO DO TRABALHO DO DESIGNER E DO ARTESÃO

Concordamos com Adélia Borges (2012) que, ao adquirir um produto deve-se optar não só pela adequação de forma e função, como também pelo afeto, memória e cultura impregnados nos objetos. O trabalho conjunto de designers e artesãos é capaz de reunir design, funcionalidade, memória, emoção. O design tem buscado,

respeitosamente, investigar peças da nossa cultura material que possam passar por transformações, porém ainda continuem a transmitir cultura e memória. Por outro lado, o artesão, ao complementar uma peça de design, inserindo em cada produto sua interferência artesanal, torna aquela peça única; um bom acordo de co-criação entre design e artesanato é capaz de aumentar a renda gerada com a venda da peça. Artesanato e design caminham lado a lado, bebendo na mesma fonte da nossa cultura material. Tanto designers quanto artesãos reinterpretem objetos da nossa cultura material. O trabalho de um completa o trabalho do outro.

O nosso objetivo é articular temáticas culturais da história local como inspiração para Design. A caneca esmaltada, a colher de pau, a cuia e a rapadura são artefatos que para os mineiros das cidades mineradoras remetem a um pertencimento, a algo que os toca no coração, trazem lembranças, são portadores de memórias que constroem identidades.

Esta pesquisa em Design busca compreender o conceito de patrimônio como algo próximo da vida das pessoas. Por isso selecionamos um conjunto de artefatos utilitários, que têm uma forte interface com o artesanato para possibilitar a análise do ponto de encontro do trabalho do designer e do artesão na busca de revitalização do objeto artesanal/tradicional. Tecnologia, design e inovação no artesanato podem gerar reposicionamento do produto artesanal e agregar valor (FERNANDES, 2017, p. 181)

[...] a aproximação entre designers e artesãos pode se mostrar extremamente produtiva no que diz respeito ao reposicionamento do produto artesanal, colaborando na retomada do alto valor com que era visto no passado e tornando possível sua inserção em novos mercados.

À medida que as soluções integradas de design e artesanato voltadas para a revitalização de objetos artesanais / tradicionais se fortalecerem e intensificarem, as comunidades dos municípios mineradores do Alto Paraopeba aqui apoiados visualizarão novos negócios de base social capazes de apontar alternativas para a economia da população.

2.1 Objetos de memória e patrimônio: referências para design e artesanato

Nas cidades mineradoras, desde os séculos XVIII e XIX, modos de vida peculiares dos mineradores, tropeiros, boiadeiros e grupos formadores da sociedade das regiões mineradoras de Minas Gerais deixaram legados no patrimônio material e imaterial, com artefatos que atravessaram

o século XX e permanecem, em inícios do século XXI, ainda em uso corrente, sobretudo no interior de Minas Gerais: caneca esmaltada, cuia, colher de pau, rapadura. Cada um desses objetos tem gerado diversas abordagens por designarse por artesão em projetos variados, aqui exemplificados.

2.2 Caneca esmaltada

A caneca esmaltada (Fig.01) e respectivos conjuntos de prato, bule para café foram utilizados por mineradores, por tropeiros, por moradores de cidades antigas; hoje tornaram-se ícones de cenários de novelas de TV, presença comum em ambientações de restaurantes típicos mineiros. Designers utilizam-na frequentemente para remeter às origens do nosso período cafeeiro no século XIX. O preço de comercialização desses produtos é baixo, são itens baratos. Quando são colocadas em conjuntos tipo “kits” com coador de café, ganham destaque e o preço aumenta. Antigos bules de ágata esmaltados e decorados a mão ou por decalque com motivos florais no estilo francês antigo (*vintage french*) voltaram à moda. Artesãos têm desenvolvido técnicas para adicionar camadas de pigmento a frio sobre o esmalte. As canecas pintadas a mão por artesãos são feitas de forma a personalizá-las e torná-las produto único, agregando valor às tradicionais sendo comercializadas como objetos de adorno. Neste caso o valor comercial sofre um reajuste importante, podendo aumentar em 10 vezes de valor.

Os motivos da decoração e o acabamento final das canecas esmaltadas se dividem em duas grandes linhas comerciais: uma linha bem-acabada, com peças maiores, com preço de venda final três vezes mais alto que a linha mal-acabada e borrada. Analisando em especial essa linha “mal-acabada” observa-se nas peças esmaltadas alguma imperfeição que as torna únicas, ao fugir um pouco da padronização e da uniformidade dos objetos industriais. Manter essa aparência de objetos industriais que não são absolutamente idênticos é uma escolha para estratégia de venda: o processo de seu fabrico admite diferenças entre os objetos para parecer que ainda é artesanal, para parecer antigo. A aplicação da pintura artesanal reforça a escolha pelo aspecto envelhecido. Ambos, designer e artesão desde a projeção utilizam recursos de maquinário e



Figura 1: Canecas esmaltadas lisas.

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/392657661238599821/>Ebat, ur li publice ponsula ressa con tarent, C. Effre adet perfecta, iam nem addum in am

Canecas esmaltadas foram utilizadas por mineradores, por tropeiros, por moradores de cidades antigas em Minas Gerais; hoje tornaram-se ícones de cenários de novelas de TV, presença comum em ambientações de restaurantes típicos mineiros.



Figura 2: Canecas esmaltadas decoradas a mão. Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/392657661238599821/>.



Figura 3: Cabaças das quais se fazem as cuias. Fonte: Google, 2017.

As cuias são pequenas, observe o tamanho da moeda em comparação a elas. Por isso são usadas para medidas correspondentes a uma colher de sopa aproximadamente. São vestígios de um tempo em que os talheres eram muito raros no Brasil e as pessoas comiam com as mãos (“Comer de capitão”).



Figura 4: bonecas de cabaça Adriane Galuppo. Fonte: arq. pessoal Rita Engler (2017).

material propositadamente escolhidos para obter imagens de decalques pouco legíveis, bordas borradas, com perdas de detalhes no mecanismo da esmaltação etc.

Recentemente, a indústria nacional de canecas esmaltadas resolveu fabricar as canecas na China. Esse é um sinal do processo de renovação da economia, globalizada num mundo complexo e tumultuado. Apesar disso, as canecas esmaltadas mineiras ainda se mantem firme no desafio de conciliar a tradição com as forças de modernização destrutivas que levam a desagregação da cultura material que recebemos como legado de nossos antepassados. As canecas chinesas não são consideradas equivalentes, não possuem o mesmo apelo emocional, sendo consideradas como produtos inferiores.

2.3 Cuias

A cuias é um tipo de casca de uma pequena abóbora que, depois de seca, é utilizada como vasilhame, gerando um objeto utilizado na culinária para medir alimentos farináceos: pó de café, açúcar, farinha, e também dose de cachaça. A cuias proveio das regiões brasileiras que tiveram influência dos índios tupis, que plantavam a cueira e utilizavam o seu fruto chamado como *Ku'ya*. A cuias foi uma tradição indígena incorporada pela América Portuguesa.

O processo de fabrico da cuias é simples, depois de seca, serra-se ao meio com serra manual ou elétrica, retiram-se as sementes, lixa-se e aplica-se verniz à parte externa. Em Minas Gerais é abundante no Norte de Minas de onde é comercializada para as demais regiões.

As cuias nos falam de como outras identidades instaladas no Brasil absorveram objetos da cultura material dos habitantes primitivos. Os tropeiros e boiadeiros utilizavam diversos tamanhos de cuias como utensílios de cozinha. Ainda são utilizadas no dia a dia de cidades mineradoras como medida de alimentos e para tomar cachaça.

As cuias e cabaças hoje são utilizadas como base para diferentes artesanatos como as bonecas, desenvolvidas pela artista Adriane Galuppo (Figura 4). Os trabalhos realizados pela artista são notáveis.

Apesar disso, ela prefere manter seu emprego, pois o artesanato no Brasil ainda não é valorizado. Ela tem a intenção de se tornar uma “artesã profissional” apenas após a sua aposentadoria. Esta realidade encontramos com frequência, o artesanato é visto como uma complementação de renda e só com estímulo e divulgação poderá gerar renda, ao ponto de permitir que se viva de artesanato.

2.4 Colher de pau

A colher de pau é um objeto utilizado na culinária por indígenas. Desde 1945, no Brasil, há progressiva substituição da colher de pau por materiais artificiais como os plásticos. No entanto, há profissionais da culinária (a maioria), tais como doceiras tradicionais, que ainda preferem usar colher de pau (Figura 5).

A alta gastronomia também aderiu ao uso da colher de pau, divulgando-a amplamente em canais de televisão. Especialistas conseguiram influenciar a tradicional fábrica de talheres metálicos Tramontina a fabricar colheres de pau.

A colher de pau e espátulas de pau, têm sido fabricadas pela Empresa Tramontina, tendo como inovação a mudança do material, que já não é de madeira, mas sim utilizando como material a madeira do bambu, por ser madeira certificada de florestas plantadas.

Esse exemplo nos mostra que um objeto da cultura material mineira como a colher de pau foi desenvolvido mediante Design de Produto, mantendo-se a mesma função (acessório de cozinha), mantendo-se a forma análoga do cabo e da concha, porém inovando o material (bambu). A colher de pau continua em uso por ser mais barata e popular, tem sido fabricada por artesãos.

Nas feiras de artesanato de cidades do interior e mesmo na capital, artesãos vendem seus modelos de colher de pau e grande parte da população prefere prestigiar o artesanato considerando que estes são desenvolvidos de forma individual e contêm um valor sentimental que não pode ser observado nos modelos industriais.



Figura 5: colher de pau. Fonte: CARVALHO, 2017.



Figura 6: Colher de bambu Tramontina. Fonte: <http://semmedida.com>, 2017.



Figura 7: Tijolos de rapadura.
Fonte: Google, 2017

2.5 Rapadura

A rapadura é um doce de origem açoriana ou canária em forma de tijolos, com sabor e composição semelhante ao açúcar mascavo. Utilizada em diversas receitas vem sendo redescoberta pelos Chefs e pelos adeptos de uma alimentação mais natural, por ser mais saudável que o açúcar branco. No século 19 e 20 era servida derretida com queijo, como sobremesa, onde os mais aficionados serviam-se em pratos fundos, próprios para caldos e sopas. Hoje podemos encontrar cortada em pedacinhos em diversos restaurantes de cozinha típica mineira, normalmente ao lado do café servido nas xícaras esmaltadas. A mistura da rapadura com o amendoim deu origem a uma sobremesa típica brasileira o pé de moleque.

A versão moderna vem em pequenos tamanhos cuja embalagem tem valor agregado de design.



Figura 8: Mini-rapadura em embalagem moderna.
Fonte: Google, 2017.

O Design da rapadura em pequenas embalagens explora a memória é ligada aos sentidos humanos e lida as noções profundas da memória humana (o paladar, o gosto e o cheiro da rapadura).

Alguns produtores vêm criando embalagens diferenciadas e comercializam os produtos com pequenas alterações, como acréscimo de ervas, rapadura batida, etc. No 17º Festival da Quitanda de Congonhas/ MG, realizado em maio de 2017, um bolo feito com melado de rapadura obteve o primeiro lugar, na categoria de quitanda tradicional.

2.6 Reuso de *pallets* de madeira

Um dos resíduos que pode ser encontrado facilmente em mineradoras são os *pallets* de madeira, que depois de utilizados algumas vezes são descartados e na maior parte das vezes apenas incinerados.

Uma oficina realizada pela equipe do CEDTec/ED/UEMG, com a participação do Centro de Referência em Assistência Social-CRAS do município de Jeceaba, no Alto Paraopeba e da FADECIT demonstra como o trabalho dos designers com base no conceito de identidade e território pode gerar produtos únicos e que tem sido muito bem aceitos pela sociedade. As oficinas se iniciam com trabalhos de introdução aos conceitos básicos de design e visitas aos principais pontos da cidade para a identificação de

locais de interesse. A metodologia utilizada permite o envolvimento de todos os atores e os resultados levam não só a formação da população em bases de marcenaria como o aumento da autoestima, o desenvolvimento de espírito de cidadania e conscientização sobre a importância da sustentabilidade para o crescimento e sobrevivência da comunidade.

Este caso foi muito bem descrito pela Mestre Ana Carolina Godinho de Lacerda em sua dissertação de mestrado (LACERDA, A. C., 2017), e os pontos mais importantes a ressaltar são a forma de trabalhar cooperativa e a construção de redes de design para a divulgação e comercialização das peças. Cada criação foi desenvolvida com o apoio de todo o grupo e os resultados podem ser observados na Figura 9, o desenho do nicho representa o contorno das serras que circundam a cidade. Na mesa a artesã escolheu preencher o interior com objetos de memória da cidade e de sua família agregando um valor emocional ao mobiliário.

A bandeja na Figura 10 sofreu intervenções de uma artista plástica, o que agregou ainda mais valor ao produto. Este é um exemplo de *upcycling* no Design contemporâneo, com reuso de matéria-prima proveniente do descarte da mineração.



Figura 9: mesa e nicho de pallets criados na Oficina de Jecaba. Fonte: LACERDA, 2017.



Figura 10: Bandeja de pallet reciclado. Fonte: LACERDA, 2017.

2.7 Artesanato de Buriti – Vale do Urucuia – MG

Em quaisquer ambientes, serviços e produtos, o design pode e deve contribuir efetivamente para a valorização dos recursos naturais. Assim, neste projeto executado pela equipe do CEDTec – Centro de Estudos em Design e Tecnologia/UEMG, foram investigadas quais seriam as possíveis

contribuições para incentivar a sustentabilidade na produção artesanal a partir de resíduos vegetais do Cerrado Mineiro. Além disso, foram estudadas estratégias para promover materiais, técnicas e processos que valorizem o território e que podem ser aplicadas e aperfeiçoadas, como ferramenta para a produção artesanal, preservando a identidade local.

A cidade de Chapada Gaúcha está distante de Belo Horizonte por 730 km, encontra-se no semiárido do Norte de Minas Gerais, em uma região carente de projetos socioambientais. (Minas Gerais é um dos estados do território brasileiro). A antiga Vila dos Gaúchos, hoje município de Chapada Gaúcha, teve seu início de povoamento no ano de 1976. Os gaúchos vieram pelo PADSA – Projeto de Assentamento Dirigido a Serra das Araras, conforme IBGE (2010). No entorno do município estão localizadas duas Unidades de Conservação Estaduais – Parque Estadual Serra das Araras e Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari. Situado na divisa dos estados de Minas Gerais e Bahia, o Parque Grande Sertão Veredas – Unidade de Conservação Nacional é uma das atrações turísticas na região.



Figura 11: Oratório e Santo Antonio de Buriti e Arara de Buriti. Fonte: Mourão, 2017.

Essa região, em relação ao patrimônio cultural é bem diversificada. A população é formada por sertanejos, nativos e por gaúchos, oriundos do assentamento PADSA. Tanto a cultura gaúcha como a cultura sertaneja se matem e ao mesmo tempo uni os povos locais. O evento “Encontro dos Povos Grande Sertão Veredas” é resultado da dimensão de diálogo entre as culturas. Nessa oportunidade o artesanato torna-se um ponto em comum, pois os produtos revelam a fé nos santos e na preservação do meio ambiente.

Em visita às comunidades, foram registradas as atividades artesanais realizadas pelos artesãos, somente com utilização de resíduos e insumos vegetais, como imagens de Santo Antonio, araras de buriti, objetos utilitários e mobiliários. Além da realização do levantamento demonstrativo de espécies vegetais, foi realizado levantamento das comunidades que realizam atividades artesanais materiais de origem vegetal.

Verificou-se que os artesãos, na maioria, são produtores rurais agroextrativistas. Executam as atividades de extração e beneficiamento com conhecimento da preservação ambiental. A produção artesanal

na região é ainda insipiente. Porém, a região possui potencial para o desenvolvimento do turismo e em economia criativa. O resultado comprova a importância da manutenção no bioma pelas comunidades, possibilitando o uso de insumos e resíduos para a produção artesanal.

Na região ocorre uma festa tradicional, no antigo distrito de Serra das Araras: A festa de Santo Antonio. Durante a segunda semana de junho são realizadas missas católicas, procissões e casamentos comunitários. Contudo, os festejos atraem os turistas em shows sertanejos, música, comida tradicional e artesanato. O patrimônio cultural é reconhecido pelos habitantes do território e são eles quem produzem as imagens de Santo Antonio em oratórios e araras de buritis. Esses produtos adquirem, além do valor como patrimônio cultural, uma nova fonte de renda pelo turismo na região.

Independente do caráter final do produto artesanal seja como utilitário, conceitual, decorativo, litúrgico ou lúdico, ele apresenta um alto valor competitivo no mercado. O produto artesanal apresenta traços culturais característicos, conferindo ao mesmo, o poder de rivalizar no mercado frente a produtos manufaturados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em Design envolve o conhecimento da história local, os referenciais simbólicos do patrimônio material e imaterial, o respeito às manifestações culturais de comunidades, aos bens culturais da cidade, à cultura material etc.

A pesquisa em Design, no campo do patrimônio (*Design and Heritage*) lida com espaços físicos e simbólicos em processo de constante mudança. Busca compreender o conceito de patrimônio como algo próximo da vida das pessoas, nos modos de viver, pensar, sonhar, fazer, trabalhar etc. (SOUZA, 2017)

A atuação de Design voltado para o patrimônio cultural e natural contribui para reforçar dinâmicas econômicas e cria possibilidades para desenvolvimento local. Muitas vezes, as pessoas que moram no local onde estão situados patrimônios nas antigas cidades mineiras, e também

visitantes, não sabem, ou não têm informação a respeito e, assim, ao identificar por meio de Design os patrimônios para a população em geral, contribui-se para ampliar a consciência acerca desse patrimônio cultural local (BRITO, 2012) e sua importância no Patrimônio Cultural Brasileiro.

A articulação das temáticas culturais da história local com o Design e Patrimônio vem ganhando força. Insistimos na ideia que é preciso buscar novos entendimentos sobre a cultura material no sentido da aproximação ao campo de pesquisa em Design para gerar outras produções com materiais, desenvolvimento de produtos, aplicações na indústria de serviços e turismo.

Nossos ancestrais nos deixaram como herança um conjunto de objetos que nos identificam: mobiliário, vestimenta, objetos utilitários de cozinha, etc. fazem parte de nossa rotina diária. Destacamos, para fins de análise nesse artigo, quatro itens comuns em Minas Gerais: canecas esmaltadas para café, cuia para medidas de farinhas, colher de pau, rapadura. A investigação da produção desses objetos, ainda hoje de forma artesanal, pode nos ajudar a compreender a cultura material levando-nos a novas abordagens que reúnem design, artesanato, arte e patrimônio. Esses objetos quando apresentados de forma correta trazem consigo uma bagagem emocional e podem ajudar a valorizar o turismo na região. A exploração e o uso do design de serviços para a criação de SPS – sistemas de produtos e serviços pode ajudar a recuperar a economia da região mineradora de Minas Gerais.

O Design cumpre um papel social importantíssimo por absorver uma mão de obra, muitas vezes, de baixa qualificação e empregar um maior número de indivíduos. Nesta atividade, Barroso Neto (2001) afirma que os artesãos refletem na produção artesanal a sua dignidade e autoestima, que os diferenciam no mercado de trabalho. Apresentam valor cultural, podendo expressar a autenticidade do saber e do fazer popular.

O reaproveitamento de resíduos com a aplicação de técnicas de design fornece soluções sustentáveis capazes de gerar renda para as comunidades envolvidas. Por isso, face à tradição tecnológica da UEMG em pesquisa de materiais é importante ter a cultura material mineira como referência para criar produtos que reúnam arte, indústria, resíduos, artesanato, com design e patrimônio.

4 AGRADECIMENTOS

CEDTec – Centro de Estudos em Design e Tecnologia /UEMG.

5 REFERÊNCIAS

- BARROSO NETO, E. O que é o Artesanato. Módulo 1. Disponível em: <http://www.eduardobarroso.com.br/Artesanato_%20mod1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2009.
- BORGES, Adélia. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- BROWN, T. *Design Thinking: Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- CARVALHO, Marília F.D. A. ENGLER, Rita de C. *Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais/ expansão urbana, nos séculos XVIII e XIX: a cultura material de cidades mineradoras como fonte de inspiração ao Design contemporâneo*. Porto: UD-17, 2017.
- DAMAZIO, Vera. Design, memória, emoção: uma investigação para o projeto de produtos memoráveis. Caderno de Estudos Avançados em Design. *Emoção*. Moraes e Dias (Orgs.). Barbacena: EdUEMG, 2013.
- ENGLER, R. C. MOURÃO, N. M. CARVALHO, M.F.D.A.MACIEL, R.C. *Produtos artesanais de identidade territorial: o desenvolvimento do patrimônio natural e cultural na comunidade Mocameiro – Brasil*. RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, 2017.V. 03, ed. especial, out., 2017| periodicos.claec.org.
- _____, R. C. MOURÃO, N. M. MACIEL, R. C. OLIVEIRA, A. C. C. CARVALHO, M. F. D. A. HIGINÓ. Grupo de Pesquisa Quilombola. ED/UEMG/CEDTec. *Construção da identidade local para a comunidade Quilombo do Felipe, em Bom Jesus do Amparo*, Minas Gerais, Brasil utilizando o Design como ferramenta de desenvolvimento comunitário. Disponível em: www.uemg.br, 2017.
- FERNANDES, Adriana Patrícia. Um novo artesanato brasileiro: a busca por uma identidade cultural e social. p. 163-182. In: *Design e inovação social*. São Paulo: Blucher, 2017.
- LACERDA, A. C. *Um estudo sobre o reaproveitamento de resíduos sólidos, de pallets de madeira, através de redes de design*. Dissertação de Mestrado PPGD/UEMG, 2017.
- MOURÃO, N.M. *Produção artesanal: espécies do Cerrado*. Belo Horizonte: ED-UEMG-CETec, 2012.
- _____, N. M. (2015). *Tecnologia social para empreendimentos criativos*: elaboração de uma metodologia de avaliação. Projeto de pesquisa apresentado como parte integrante do processo de seleção do Doutorado em Design da Escola de Design/UEMG, na linha de pesquisa: Cultura, Gestão e Processos em Design. Belo Horizonte: PPGD-Doutorado em Design.ED-UEMG.
- PEREIRA, José Carlos da Costa. *Artesanato: definições e evolução – Ação do MTb – PNDA*. Brasília: Ministério do Trabalho, 1979. 153p. (Coleção XI – Planejamento e assuntos gerais).
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 5, n. 10, 1992.
- SANTOS, Anderson Cunha. *Decifrar a cidade: vivências em educação patrimonial*. Belo Horizonte: SMED, 2017.
- VEZZOLI, C. CESCHIN, F. DIEHL, J.C. KOHTALA, C. (2012). *Why have 'Sustainable Product Service Systems' no been widely implemented?* Meeting new design challenges to achieve societal sustainability. Journal of Cleaner Production.

